

# ***Eternas Emoções: a questão do remake na telenovela brasileira***

**Mauro Alencar**

Doutor em teledramaturgia brasileira e latino-americana

mauro.alencar@uol.com.br

Rede Globo/USP, SP

---

## **Resumo**

A identidade é a marca, o registro do tempo. Cada tempo tem sua própria identidade e linguagem. O *remake*, velhos temas com novas identidades, novos registros, é a "transformação" da telenovela. Um processo que ganhou impulso a partir da década de 1980. Vamos reviver e questionar um pouco deste recurso da telenovela, que, aqui, chamaremos de *Eternas Emoções*.

## **Origens da telenovela diária**

Em julho de 1963, o gênero telenovela (tal qual conhecemos hoje) foi importado da Argentina pelo diretor artístico da TV Excelsior, Edson Leite, que entregou o texto original de Alberto Migré (*0597 da Ocupado*, um grande sucesso da televisão argentina) à experiente e muito bem conceituada radionovelistas Dulce Santucci.

Somente em 21 de dezembro de 1951, por intermédio de Walter Forster, que a telenovela começou a ganhar contornos do que seria em 1963. O diretor, autor e ator protagonista (ao lado de Vida Alves), levou ao ar *Sua Vida me Pertence*. Tendo como base a estrutura radiofônica de apresentar dramaturgia, resolveu lançar a telenovela, com quinze capítulos, exibidos duas vezes por semana. Daí suas ligações com o folhetim do século XIX, o cinema seriado da década de 1950 e toda a estrutura da radionovela da época, além do cenário excessivamente teatral.

Diante de tal êxito, Edson Leite resolveu apresentar a telenovela em capítulos diários (já que o videoteipe começava a desenvolver-se no Brasil). Dulce Santucci foi encarregada por ele para adaptar o texto argentino de Migré, que no Brasil, foi apresentado com o título de *2.5499, Ocupado* (o número era uma referência ao número dos canais de televisão existentes no Brasil em 1963).

De lá (1963) para cá (2006) muito capítulos rolaram, foram exibidos pela telinha, conquistaram novos adeptos com *Beto Rockfeller* e *Irmãos Coragem*, ganharam o mundo com *O Bem-Amado*, *Escrava Isaura*, *Sinhá Moça* e *O Clone*, conheceram a união com países de língua portuguesa e espanhola com *Salsa e Merengue* e *Mulheres de Areia*, e a produção exclusiva de textos brasileiros no Chile, com *Anjo Mau* e *Transas e Caretas*.

Apesar de todo caráter expansionista e da alta tecnologia conquistada pela televisão brasileira, de tempos em tempos, nossos novelistas e diretores recorrem à estratégia do *remake*, buscam em telenovelas do passado o alimento para o presente.

## **Eternas emoções em capítulos: TUPI, SBT, BAND e MANCHETE**

Em março de 1964, a TV Tupi inaugurava o horário nobre - 20h - com a telenovela *Alma Cigana*, de Ivani Ribeiro, baseada no original cubano de Manuel Muñoz Rico. Com Ana Rosa e Amilton Fernandes, a telenovela foi dirigida por Geraldo Vietri que, sete anos depois, resolveu recontá-la com o nome de *A Selvagem*.

Com a bela atuação de Ana Rosa em papel duplo, a telenovela marcou a época na qual a mulher via-se dividida para contentar a audiência sem ferir os bons costumes da década de 1960 e início da de 1970.

Assim, pela manhã, Ana Rosa vivia a irmã Estela; à noite, num acampamento, era a cigana Esmeralda. Tentando compreendê-la, estava o capitão Fernando (Amilton Fernandes, na versão original, e Henrique Martins, na segunda versão).

Em dezembro de 1964, vinda também de Cuba, *O Direito de Nascer*, de Félix Caignet, foi responsável pela firmação do gênero "telenovela". Com adaptação de Thalma de Oliveira e Teixeira Filho, esta (com direção de Lima Duarte e José Parisi) foi a primeira a ter todas as atenções. Provocou verdadeiro delírio nos telespectadores que tinham total identificação com os personagens.

Os clássicos personagens criados por Caignet voltam à tela em julho de 1978. O elenco contava com Carlos Augusto Strazzer (Albertinho Limonta), Eva Wilma (Maria Helena), Cléa Simões (Mamã Dolores), Beth Goulart (Isabel Cristina), Adriano Reys (Dom Jorge Luís), Lia de Aguiar (Conceição) e Aldo César (Dom Rafael do Juncal). Mas não surtiu o efeito esperado. Afinal, eram outros tempos e a telenovela vivia sua época de total brasilidade. Naquele momento, as telenovelas produzidas pela Rede Globo (já considerada uma Hollywood dos trópicos) estavam prestes a tornar-se o produto industrializado cultural brasileiro mais importante do século.

Entretanto, a origem melodramática do gênero é mesmo eterna. A prova disso é que o SBT exibiu em 2001 mais uma versão de *El Derecho de Nacer*. Produzida em 1997 pela JPO, a telenovela foi adaptada por Aziz Bajur e Jayme Camargo com supervisão de texto de Crayton Sarzy, com Jorge Pontual, Guilhermina Guinle, Dhu Moraes, Ana Cristina, João Vitti, Elaine Cristina e Luiz Guilherme.

*Éramos Seis*, romance melodramático de Maria José Dupré com forte apelo popular já esteve presente em nossa TV por três vezes (isso sem contar uma versão produzida na década de 1950, com dois capítulos por semana). A primeira vez foi na TV Tupi, em 1967, adaptada por Pola Civelli. Com Cleyde Yáconis, Sílvio Rocha, Plínio Marcos, Roberto Orosco, Antonio Carlos e Guy Loup.

Dez anos depois, Sílvio de Abreu e Rubens Ewald Filho, sob a direção de Atílio Riccò recontam a trajetória de Dona Lola (Nicette Bruno) ao lado do marido Júlio (Gianfrancesco Guarnieri) e dos filhos Carlos (Carlos

Augusto Strazzer), Alfredo (Carlos Alberto Riccelli), Julinho (Ewerton de Castro) e Isabel (Maria Isabel de Lizandra).

Em 1994, o SBT resolve, mais uma vez, abrir nova temporada de telenovelas brasileiras. E o *remake* de *Éramos Seis*, com Irene Ravache, foi o melhor produto da casa (antes que pela milésima vez a emissora de Silvio Santos se rendesse aos folhetins hispânicos).

Esta nova temporada telenovélica - e totalmente brasileira! - do SBT renderia ainda outros *remakes* como, por exemplo, *As Pupilas do Senhor Reitor* (um clássico dos velhos tempos da Rede Record, adaptado do romance de Júlio Dinis por Lauro César Muniz). Contando a história das pupilas Clara e Margarida (Maria Estela e Márcia Maria), tuteladas pelo reitor Padre Antônio (Dionísio Azevedo), a telenovela apresentada pela Record às 19h, entre março de 1970 e março de 1971, fez muito sucesso. No elenco, Aginaldo Rayol e Fúlvio Stefanini. Direção de Dionísio Azevedo.

Em 1994 e 19995, encontramos os mesmos habitantes da aldeia de Póvoa do Varzim, no Minho, em Portugal, adaptados por Ismael Fernandes, Chico de Assis, Analy Alvarez, Aziz Bajur, Bosco Brasil e Zeno Wilde. Com Juca de Oliveira, Débora Bloch, Luciana Braga, Eduardo Moscovis e Tuca Andrada. Direção de Henrique Martins, Del Rangel e Nilton Travesso.

Depois é a vez de Vicente Sesso reescrever um antigo sucesso da TV Excelsior, de de fevereiro de 1969 a janeiro de 1970: *Sangue do meu Sangue*. Encontramos o desmemoriado Carlos (Francisco Cuoco), a mulher (Nicette Bruno) e os filhos. Anos depois, a história girará em torno de Lúcio (novamente Cuoco), filho de Carlos, que lutará para que seja abolida a escravatura e, ainda, para descobrir a verdade em relação a seu pai. Pola (Tônia Carrero), a mulher que protege sua família e a grande paixão de Lúcio, está por trás de todo o passado. Direção de Sérgio Britto.

Assim, de julho de 1995 a março de 1996, a telenovela de Vicente Sesso (também adaptada por Rita Buzzar e Paulo Figueiredo) foi apresentada no SBT, mas sem a glória que fizera na extinta Excelsior.

Marcada por desentendimentos autorais (entre o autor do texto original e os adaptadores), a telenovela ainda ficou comprometida por uma escolha irregular de elenco. No papel de pai e filho (um dos grandes momentos da carreira de Francisco Cuoco), assistimos agora Jayme Periard e Tarcísio Filho. Lembro-me que o grande charme da telenovela era assistir Francisco Cuoco em papel duplo. Ainda, no elenco: Lucinha Lins, Bia Seidl (Pola Renón, sem a presença cênica-televisiva de uma diva como Tônia Carrero; ainda que Bia seja uma atriz de presença), Osmar Prado, Lucélia Santos (Júlia Camargo, em papel pesado mesmo para o talento de Lucélia) e Rubens de Falco. Por fim, Vicente conseguiu endireitar a telenovela com a participação especial de Tônia Carrero como Cecile Renón, que trouxe de volta à trama o velho charme da primeira versão.

Muito agradável também era assistir a reunião de Lucélia Santos e Rubens de Falco (Mário, o banqueiro, pai de Júlia). O casal mais exportado da televisão brasileira provoca uma química televisiva insuperável quando se une em telenovela de época.

Em 1996, o SBT produz *Razão de Viver*, com Irene Ravache, a rica versão de *Meus Filhos, Minha Vida*, com Mirian Pires, um sucesso da emissora dos velhos tempos da Vila Guilherme que não resistiu à modernidade (sofisticaram demais o melodrama) do Complexo Anhanguera, central de produção da TV de Silvio Santos.

Finalmente, *Os Ossos do Barão*, a clássica telenovela de Jorge Andrade que marcou época na Globo, entre outubro de 1973 e abril de 1974, chegava à popular tela do SBT em 1997. Ambientada no final dos anos 1940 e início dos 1950, a telenovela adaptada por Walter George Durst (com direção geral de Nilton Travesso) não combinava com a programação da emissora paulista.

Durst, um dos grandes mestres da televisão brasileira, talvez pouco à vontade numa emissora que bem pouco tem de tradição com a telenovela brasileira, amarrava, com pouco entusiasmo, duas telenovelas de Jorge Andrade - *Os Ossos do Barão* e *Ninho da Serpente* - que conquistaram grande prestígio em outros tempos. A primeira é a união de dois textos teatrais do dramaturgo paulista: *A Escada* e *Os Ossos do Barão*. De um lado, a aristocracia empobrecida com o *cracking* da Bolsa de Nova York e a conseqüente queda do café, representada, na trama, por Antenor (Paulo Gracindo) e sua família. Do outro lado, Egisto Ghirotto (Lima Duarte), o imigrante enriquecido com a indústria.

*Ninho da Serpente*, outro sucesso de Jorge, agora na Rede Bandeirantes, em 1982, narrava a luta pelo poder no mundo aristocrático da família Taques Penteado, liderados por Guilhermina (Cleyde Yáconis). O desaparecimento do patriarca, Cândido, impulsiona a trama e acirra a ganância entre os herdeiros.

Na segunda versão, a família Taques Penteado perdeu o charme e a vitalidade aristocrática instalada na mansão dos Jardins, em São Paulo. Ainda que a idéia de tornar central o personagem Cândido Taques (Rubens de Falco) tenha sido excelente. E os cenários da casa situada no bairro de Higienópolis, em São Paulo, moradia dos quatrocentões falidos deixava imensa saudades da produção global. Principalmente "a escada" (com seu belíssimo vitral ao fundo) em que o inesquecível casal Antenor e Melica (Paulo Gracindo e Carmem Silva) subia e descia.

O elenco da segunda versão foi composto por Juca de Oliveira (Egisto Ghirotto), Leonardo Villar (Antenor), Cleyde Yáconis (Melica) e Imara Reis (Guilhermina).

Mesmo assim, a telenovela destacou a beleza de Ana Paula Arósio (Isabel, representada na primeira versão por Dina Sfat) e seu interessante relacionamento com Martino (Tarcísio Filho, vivendo o papel que fora de José Wilker). Destaco, também, a atuação de Bárbara Fazio como Ismália. Um belo papel representado por Elza Gomes na primeira versão. Leonardo Villar também esteve presente na versão global. Foi Miguel, filho de Antenor (curiosamente o seu papel na segunda versão). E Miguel, agora, foi representado por Othon Bastos. No papel de sua mulher, a aristocrática Verônica, encontramos Clarisse Abujamra (Maria Luíza Castelli, em 1973). Bianca Ghirotto, feita por Lélia Abramo, recebeu, mais uma vez, intérprete à altura: Jussara Freire.

Na primeira versão, tanto *Os Ossos do Barão* como *Ninho da Serpente* se passavam na época atual, ou seja, 1973 e 1982, respectivamente. Na segunda versão, a telenovela foi ambientada em fins da década de 1940 e início dos anos 1950.

Passada mais essa onda de brasilidade, o SBT tratou de acertar as contas e partir para o prato da casa. Desde 2001 apresenta textos mexicanos com produção brasileira entremeados por novelas vindas diretamente da mexicana Televisa.

Para incrementar seu departamento de telenovelas recém-ativado em 1979 (com a novela *Cara a Cara*), a Rede Bandeirantes buscou na primeira superprodução da televisão brasileira alimento para os seus telespectadores: *A Deusa Vencida*, de Ivani Ribeiro, exibida em 1965 pela TV Excelsior com Glória Menezes, Edson França, Tarcísio Meira e a estréia de Regina Duarte. Depois, a novela foi recontada com Elaine Cristina, Roberto Pirillo, Agnaldo Rayol e a novata Neuci Lima.

A idéia da adaptação partiu do diretor Walter Avancini (o mesmo para as duas versões). E esta, apresentada em 1980, foi bastante agradável. O tema foi o mesmo da primeira versão: *Balada Para Uma Deusa Menina*, de Zaé Junior e Paulo Idelfonso.

Avancini também sugeriu a recriação do romance auto-biográfico de José Mauro de Vasconcelos: *O Meu Pé de Laranja Lima*.

Ivani Ribeiro já havia escrito a adaptação em 1970/1971 para a TV Tupi, com Haroldo Botta (Zezé), Cláudio Corrêa e Castro (Manuel, o Portuga) e Eva Wilma (Jandira).

Agora encontramos os nomes de Alexandre Raymundo, Dionísio Azevedo e Baby Garroux. No ar, entre setembro de 1980 e abril de 1981.

A mesma Bandeirantes (popularmente rebatizada por Band) tratou de fazer uma terceira versão da telenovela (que não cativou grande audiência), em 1998/1999, agora adaptada do romance por Ana Maria Moretzsohn.

Em 1985, a Rede Manchete entra no páreo da teledramaturgia trazendo um dos maiores sucessos da televisão brasileira: *Antônio Maria*, novela escrita e dirigida por Geraldo Vietri. Era a reedição da história de amor do galante português Antônio Maria (outrora vivido por Sérgio Cardoso, em 1968/1969, na TV Tupi) e por Heloísa Dias Leme (Aracy Balabanian). Agora, assistimos ao ator português Sinde Felipe e a atriz Elaine Cristina à frente do elenco.

A importância histórica da primeira versão é tão grande, que bastaria dizer que a telenovela iniciou o processo de revolução na teledramaturgia brasileira.

Mas houve um equívoco. Vietri resolveu apresentar ao público os antecedentes de Antônio Maria. Com isso, um dos maiores segredos da telenovela, o milionário que se faz passar por chofer já estava desvendado logo na primeira semana.

E ainda que Sinde Felipe seja um ótimo ator, impossível compará-lo com o carisma e a popularidade que Sérgio Cardoso tinha em 1968.

Vietri apresentou ainda, na Manchete, outro *remake*, *Floradas na Serra*, romance de Dinah Silveira de Queiroz, adaptado por ele dentro da série "Teleromance", da TV Cultura em 1981, com Bete Mendes e

Amaury Alvarez. Agora, o drama dos tuberculosos num sanatório em Campos do Jordão, no final dos anos 1930, ganhava ares de minissérie com Myrian Rios e Marcos Winter, em 1991, com direção de Nilton Travesso.

## **Eternas emoções na aldeia global**

Na maior produtora de telenovelas do Brasil (e uma das maiores do mundo), os *remakes* custaram um pouco a chegar. Pois a partir de 1969 e, mais especificamente, em 1970 (com *Irmãos Coragem*), a emissora carioca renovava-se a cada dia, a cada novela, a cada capítulo. Por exemplo: em 1965, início da produção de telenovela na Globo, assistimos à primeira adaptação do clássico romance de Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha* foi ao ar pela TV Globo em 1965. Graça Mello adaptou, dirigiu e produziu a mais romântica das histórias brasileiras. Na bucólica Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro, Carolina (Marília Pêra) sonha em reencontrar seu amor de infância, Augusto (Cláudio Marzo). Entre os namoros dos estudantes, os costumes do Rio de Janeiro do século XIX e as receitas de avó Donana (Iracema de Alencar), encontramos jovens envolvidos com a libertação dos escravos. A Globo realizava, pela primeira vez, gravações em externa.

Somente em 1975, a emissora produziria – em cores – uma segunda versão de *A Moreninha*. Com requintada produção, a telenovela dirigida por Herval Rossano e adaptada por Marcos Rey foi protagonizada por Nívea Maria e Mário Cardoso.

Se a TV Tupi foi a responsável pela revolução dramaturgica do gênero, foi na Rede Globo que o gênero 'telenovela' se consolidou, ampliou e industrializou. É, portanto, a emissora responsável pelo "abrasileiramento" total da telenovela e de sua transformação como produto de consumo em território nacional com forte presença no mercado internacional. Aí, sim, ocorreu a segunda revolução da telenovela. A revolução industrial da ficção brasileira.

Somente em 1986 é que assistiremos à segunda versão de *Selva de Pedra*, a clássica novela de Janete que chegou a atingir 100 pontos de audiência, em 1972, com Francisco Cuoco, Regina Duarte e Dina Sfat à frente do elenco.

Na atualização feita por Regina Braga e Eloy Araújo, o clássico triângulo formado por Cristiano, Simone e Fernanda ganhou a pele dos atores Tony Ramos, Fernanda Torres e Christiane Torloni.

Impossível comparar o sucesso magnânimo da primeira versão com o *remake*. A começar pela diferença brutal entre as atrizes Regina Duarte e Fernanda Torres. Enquanto a primeira pode ser considerada um símbolo da televisão brasileira e da telenovela, a segunda tem um 'timing' teatral talhado para séries de humor e nunca mais fez novelas. Estilos completamente distintos. E o que é uma novela senão uma história contada à medida que vai sendo posta no ar. Além do texto do autor, há o diretor, editor, equipe de produção, sonoplasta, e atores. E Janete chegou a dizer que Francisco Cuoco e Regina Duarte faziam parte dos atores que melhor representaram sua obra televisiva.

Portanto, é natural que os personagens na televisão vão se formando enquanto estão sendo representados. Como trazer a mesma carga emocional que parou um país para uma recriação, uma nova versão? Impossível. E para uma reedição de uma telenovela acontecer de verdade, é preciso que exista uma nova

química entre toda a equipe. Aqui, não foi o caso. Mesmo assim, alguns destaques. Christiane Torloni vivendo a enlouquecida Fernanda (ainda que a Fernanda de Dina Sfat tenha sido inesquecível) e Miguel Falabella numa nova composição de Miro (ainda que na primeira versão o mesmo personagem tenha sido muito bem representado por Carlos Vereza, tornando-se um dos grandes sucessos da telenovela). Direção de Walter Avancini e Dênis Carvalho.

No caso de novelas originárias da TV Tupi ou Excelsior, a situação já é outra. Por mais sucesso que as telenovelas exibidas nessas emissoras tenham tido, nada compara-se ao poderio global iniciado na década de 1970.

Ivani Ribeiro, a grande novelista da televisão brasileira e, em especial, da TV Tupi até sua total falência, em 1980, só chegou à Globo em 1982, com *Final Feliz*.

Sua segunda novela na emissora do Jardim Botânico já foi um *remake*. *Amor Com Amor Se Paga* era na verdade *Camomila e Bem-Me-Quer*, exibida na Tupi entre 1972 e 1973, com Gianfrancesco Guarnieri (na pele do avaro Olegário). Ivani inspirou-se em *O Avaro*, de Molière.

Com o apuro técnico da Rede Globo e o excelente texto de Ivani Ribeiro, a telenovela que trazia à frente o excelente ator Ary Fontoura (como Nonô Correia) ao lado da empregada Frosina (Berta Loran), *Amor Com Amor Se Paga* foi um grande sucesso no horário das seis, em 1984, com direção geral de Gonzaga Blota.

Em 1985, Herval Rossano foi o diretor de *A Gata Comeu*, comédia romântica de Ivani Ribeiro com Christiane Torloni e Nuno Leal Maia. Um dos maiores sucessos da telenovela que reeditava *A Barba Azul*, da TV Tupi, em 1975, com Eva Wilma e Carlos Zara.

Em 1993 e 1994, assistimos a dois grandes sucessos da telenovela brasileira. *Mulheres de Areia* e *A Viagem*. Mais uma vez, Ivani Ribeiro à frente de sua obra televisiva, com a colaboração de Solange Castro Neves e a direção geral de Wolf Maya.

Ambas foram consideradas "clássicos" da TV Tupi. *Mulheres de Areia*, exibida entre 1973 e 1974 conta a história das gêmeas Ruth e Raquel (Eva Wilma) na disputa pelo amor do industrial Marcos Assunção (Carlos Zara). Ruth é bondosa, generosa. Raquel é perversa. Um dos momentos mais brilhantes na carreira de Eva Wilma. Destaque também para o Tonho da Lua vivido por Gianfrancesco Guarnieri.

Na segunda versão, encontramos o talento de Glória Pires no papel duplo. Com Guilherme Fontes e Marcos Frota. Assim como na primeira versão, o casal Malu e Alaor também ganhou destaque. Na primeira versão, Maria Isabel de Lizandra e Antonio Fagundes; na segunda, Vivianne Pasmanter e Humberto Martins.

Entretanto, a segunda versão de *Mulheres de Areia* não esteve só. Ivani aproveitava outra trama de sua autoria, praiana também, para aumentar a telenovela. Era *O Espantalho*, exibida originalmente em 1977 pela Rede Record.

À época do lançamento do *remake* de *Mulheres de Areia*, Ivani Ribeiro disse do trabalho que: "é como fazer uma terceira novela. Mais complicado que criar uma inédita".

Depois, *A Viagem*. Era a reedição da telenovela espírita de maior sucesso na TV. A base da trama é a filosofia de Allan Kardec, para quem a morte não determina o fim. É a vida após a morte. Na verdade, a telenovela mostrava as duas vidas de Dinah, César e Alexandre. Na segunda versão, em 1994, César passou a chamar-se Otávio Jordão.

Na primeira versão, exibida na TV Tupi, entre 1975 e 1976, encontramos Eva Wilma, Altair Lima, Ewerton de Castro e Tony Ramos nos papéis centrais; na segunda versão, recheada de outros métodos de espiritualidade e terapias alternativas que invadiram o mundo em fins do século XX, Christiane Torloni, Antonio Fagundes, Guilherme Fontes e Maurício Mattar lideraram o elenco dessa trama de sucesso.

Mais uma vez, *Mulheres de Areia* e *A Viagem* tornaram-se clássicos da televisão brasileira. Desta vez, na Rede Globo.

Ivani Ribeiro é, até o momento, a campeã em *remakes* de telenovela: por doze vezes seus textos já foram reeditados pela televisão.

*Anjo Mau*, de Cassiano Gabus Mendes, com direção de Régis Cardoso, que em sua última semana de exibição atingiu 90 pontos de audiência, em 1976, teve um *remake* bastante interessante. Se Maria Adelaide Amaral não é uma comediógrafa ao estilo Cassiano, com seu charme e modo muito peculiar de tratar as mulheres, a premiada dramaturga especializada em minisséries apresentou uma versão até que bem original da trama que impulsionou a carreira novelística de Cassiano na TV e firmou com humor e drama o horário das sete. Os tempos - 1997 - são outros. As maldades de Nice, infelizmente, viraram manual de sobrevivência, conforme observou a própria Adelaide.

Além disso, os atores acabam sendo "co-autores" das telenovelas. Suzana Vieira imprimiu uma "safadeza loira" na babá que não havia como repetir. Até porque as emoções são eternas até certo ponto. São eternas as emoções que nós, telespectadores, guardamos dos atores-personagens. Mas não há como transferir o que Suzana criou para Glória Pires, por exemplo. O mesmo ocorre com o tom irônico que José Wilker imprimiu ao Rodrigo. Perfeito, tendo "Meu Mundo e Nada Mais", cantada por Guilherme Arantes, como sua música-tema. Na segunda versão o papel foi de Kadu Moliterno, e a maior vilania acabou recaindo sobre a alucinada personagem Paula (Alessandra Negrini).

Comprovando que um *remake* é sempre uma nova trama, a babá Nice (Suzana Vieira) morreu no penúltimo capítulo e a babá Nice (Glória Pires) partiu num avião com Rodrigo e o filhinho do casal.

Assim é um *remake*. Uma eterna emoção que se transforma numa nova emoção; sem trair aquela eterna emoção e sem fazer com que o público se esqueça de uma emoção eterna. Até porque aquilo que é eterno, para sempre será.

## **O remake no renascimento da Record**

Em 1999, o autor Yves Dumont recorreu à um clássico da teledramaturgia argentina para reinaugar o núcleo de telenovela da Record: *0597 da Ocupado*, de Alberto Migré. Lembremos que o texto já servira de base para a primeira telenovela diária brasileira. Na Record, o texto de Migré chamou-se *Louca Paixão* e

teve cem capítulos a mais que o original; além de tramas contemporâneas, como o amor inter-racial entre Juliana (Fabiana Alvarez) e o negro Bira (Maurício Xavier). O advogado Larry (Tarcísio Meira) foi transformado no publicitário André (Maurício Mattar), mas manteve o mesmo encanto pela voz de Letícia (Karina Barum) – a Emily (Glória Menezes) no original – ao telefone. E, mais uma vez, a história de amor que tem início numa ligação telefônica foi um sucesso. Direção geral de José Paulo Vallone.

Entre idas e vindas, a Record acertou o passo quando decidiu reinaugar, mais uma vez, seu Núcleo de Teledramaturgia, em 2004, recontando um dos maiores êxitos da telenovela – no Brasil e no exterior: *A Escrava Isaura*, romance de Bernardo Guimarães. Contratou Herval Rossano, diretor da versão Globo (em 1976), Rubens de Falco (o inesquecível Leôncio para viver, desta vez, o papel do comendador Almeida, pai do terrível senhor de engenho) e a atriz Norma Blum (a Malvina da primeira versão para o papel de Gertrudes, a madrinha de Isaura). Impossível comparar o sucesso da versão global (adaptação de Gilberto Braga) liderada por Lucélia Santos e Rubens de Falco com a empreitada da Record. Mas o fato é que a novela de Tiago Santiago foi muito bem de audiência e está fazendo bela carreira no exterior. Nos papéis principais: Bianca Rinaldi (Isaura) e Leopoldo Pacheco (Leôncio).

E até o momento a emissora segue investindo em *remakes*. Busca em histórias de comprovado sucesso a matéria-prima para desenvolver seu Núcleo de Teledramaturgia.

Depois de *A Escrava Isaura*, foi a vez de retrabalhar o clássico romance *Senhora*, de José de Alencar. Produzido pela Globo em 1975, com Norma Blum e Cláudio Marzo à frente do elenco dirigido por Herval Rossano, a história (que havia sido adaptada por Gilberto Braga) da jovem que compra um marido no Rio de Janeiro do século XIX uniu-se a mais dois romances de Alencar – *Lucíola* e *Diva* – para transformar-se em *Essas Mulheres*, novela de Marcílio Moraes e Rosane Lima, com direção geral de Flávio Colatrello. Com Christine Fernandes, Carla Regina, Miriam Freeland e Gabriel Braga Nunes. No ar em 2005.

Em seguida, Tiago Santiago buscou na clássica novela *A Pequena Órfã*, de Teixeira Filho (exibida pela extinta TV Excelsior em 1968) a base para um grande sucesso da Record: *Prova de Amor*. A mesma trama que já servira de base para a Globo produzir *Sonho Meu*, em 1993, alavancou o horário das 19h15 da emissora mais antiga em atividade no Brasil, ao contar, mais uma vez, a história da pequena órfã criada pelo bondoso velho Gui (Rogério Fróes).

Há vários níveis de *remakes*. Há novelas que são produzidas quase que integralmente com base no roteiro original; outras buscam apenas a inspiração em obras clássicas. Mas para fazer sentido, todas precisam ter uma ligação com a atualidade.

Lauro César Muniz, um dos maiores novelistas do país, buscou em sua própria obra a matéria-prima para escrever *Cidadão Brasileiro*, telenovela que abriu, em 2006, novo horário na Record: 20h15. A base principal é a novela *Escalada* (produzida pela Globo em 1975), com tramas extraídas de *O Casarão* (Globo, 1976). O nome do protagonista – Antonio – veio da primeira novela, e o sobrenome – Maciel – da segunda. Desse modo, o ator Gabriel Braga Nunes vem conduzindo, na pele de Antonio Maciel, mais um êxito da telenovela que utiliza a História do Brasil a partir de 1955 como pano de fundo.

## A Globo renovando velhas emoções

A primeira versão de *Pecado Capital*, exibida em 1975/1976, foi a primeira telenovela em cores do horário das oito horas da noite. Dirigida por Daniel Filho, é considerada a grande obra-prima de Janete Clair e Francisco Cuoco (no caso, sua interpretação como Carlão). Janete, a novelista mais representativa da televisão brasileira, partia para um novo rumo em sua obra televisiva. Vinha numa linha evolutiva e, da escola romântica, chegava ao realismo (sem esquecer da base folhetinesca, só que tudo contado como um retrato da sociedade, seja da classe alta ou da periferia).

Glória Perez, fiel discípula de Janete Clair (foi colaboradora da última novela de Janete, em 1983/1984, *Eu Prometo*), também recontou *Pecado Capital*, com direção geral de Wolf Maya e Maurício Farias, de maneira bastante interessante. É claro que existiu desajuste no quarteto central: Carlão (Eduardo Moscovis), Lucinha (Carolina Ferraz), Salviano (Francisco Cuoco) e Eunice (Cássia Kiss).

Desse modo, a chegada de Laura (Vera Fischer) foi bastante providencial para acompanhar a excelente atuação de Francisco Cuoco como o Salviano em fins da década de 1990. Na primeira versão, Carlão morria entre as obras do metrô, no largo da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro, e Lucinha casava-se com Salviano. No *remake*, Carlão também morre ao final, mas assassinado pelo mafioso Tonho Alicate (numa participação especialíssima de Lima Duarte). Dessa vez, sua morte ocorre na estação de metrô da Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana, nos braços de sua amada Lucinha.

Em 2000, mais uma telenovela inspirada em *A Megera Domada*, de William Shakespeare, chega à TV. A primeira foi na TV Excelsior, com *A Indomável*, de Ivani Ribeiro, em 1965. Depois, na Tupi, com *O Machão*, de Sérgio Jockyman, em 1974. Dessa vez, com a esmerada produção da Rede Globo, foi ao ar às 18 horas *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco. Tratou-se da engraçada e romântica história de Catarina (Aracy Cardoso, Maria Isabel de Lizandra e Adriana Esteves nas respectivas versões), "a fera", que com seu gênio forte e rebelde não quer saber de homem nenhum em sua vida, até o dia em que aparece o rude Petruccio (Edson França, Antonio Fagundes e Eduardo Moscovis). Walter Avancini dirigiu a primeira e a última versão. Luiz Gallon, a segunda.

Um dos grandes êxitos do horário das seis, na Globo, foi *Cabocla*, novela de Benedito Ruy Barbosa, inspirada no romance de Ribeiro Couto, com Glória Pires, Fábio Junior, Cláudio Corrêa e Castro, Neuza Amaral, Gilberto Martinho, Kadu Moliterno e Simone Carvalho. Exibida em 1979, com direção geral de Herval Rossano.

A nova versão, assinada por Benedito e sua filhas (Edmara e Edilene Barbosa) em 2004, repetiu o mesmo sucesso da primeira. Lançou a atriz Vanessa Giácomo no papel de Zuca e ganhou uma interpretação primorosa de Tony Ramos como Boanerges, coronel interiorano por volta da década de 1920. Com Daniel de Oliveira, Patrícia Pillar, Mauro Mendonça, Danton Mello e Regiane Alves. Direção geral de José Luiz Villamarim e Rogério Gomes.

Quando a proposta é recontar uma história, autor e diretor devem ser habilidosos o suficiente para atualizar a trama e jamais modernizá-la.

Um dos maiores sucessos da história da TV e símbolo do Brasil no exterior, *Sinhá Moça* (romance de Maria Dezonne Pacheco Fernandes), de Benedito Ruy Barbosa, exibida pela Globo em 1986, com direção de Reynaldo Boury e Jayme Monjardim, é reeditada também com sucesso em 2006. A primeira versão reuniu Lucélia Santos (*Sinhá Moça*) e Rubens de Falco (*Barão de Araruna*), astros da primeira versão de *Escrava Isaura*. Além de Marcos Paulo, Elaine Cristina e Chica Xavier, entre outros. A nova versão traz, além de Benedito, a assinatura de suas filhas: Edmara e Edilene Barbosa – e um elenco liderado por Débora Falabella, Danton Mello e Osmar Prado. Patrícia Pillar (*Ana do Véu* na primeira versão) interpreta, agora, a personagem Cândida, mãe da *Sinhá*. Direção geral de Rogério Gomes.

## **Concluindo**

Então, na atual conjuntura da telenovela brasileira, na qual tudo parece que já foi contado, sempre haverá a seguinte indagação: como contar ou recontar uma nova telenovela? Como preparar a mistura de hoje tendo como base o prato ficcional de ontem? Entre uma novidade e outra, sempre haverá lugar para velhas histórias produzidas com novas tecnologias, um expediente dentro da indústria televisiva que já levou nossos profissionais a produzir mais de trinta *remakes*.

Emoções eternas que foram sendo reescritas, representadas, que se uniram às novas emoções que, depois de novas tornaram-se velhas e boas conhecidas dos telespectadores e depois renovaram-se porque são eternas. Com ou sem *remake*, são emoções que estão por aí, à nossa volta, sempre prontas a encontrar alguém ou uma multidão para sintonizá-la, para atender a um telefone e, por que não, numa linha cruzada, apaixonar-se por uma voz e começar uma louca paixão, em mais um emocionante capítulo da telenovela brasileira. E se for aquela emoção bem trabalhada, tanto melhor. Se não, aguardamos um próximo capítulo. Já que a vida é movimento e, com certeza, o melhor virá. Então, que venham as linhas ocupadas, cruzadas com seus pecados capitais, babás, pequenas órfãs, mulheres de areia, laranja lima, barão, freiras, ciganas, escravas, senhoras, *sinhas*, cidadãos brasileiros... Uma viagem pelas eternas emoções.

---

## **Referências**

ALENCAR, M. 2002. *A Hollywood brasileira – Panorama da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Rio

FERNANDES, I. 1997. *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo: Brasiliense

GONZÁLEZ, R. 1998. *Llorar es un Placer*. Habana: Editorial Letras Cubanas

MAZZIOTTI, N. 1993. *Soy como de la Familia - Conversaciones de Nora Mazziotti con Alberto Migré*. Editorial Sudamericana